A flor da independência: O Aniversário de S.A.I. a Princesa D. Januária pós 1835.

Janaina Rita Silva de Souza[1]

rahnut@gmail.com

Resumo: A partir de 1835 quando a D. Januária recebe o título de Alteza Imperial, as comemorações de seu aniversário mudam de tom se transformando em grandes festas celebrações que vão mobilizar as elites em torno deste acontecimento, sendo que esses fatos todos esbarram no Januárismo que era o movimento para a princesa ocupar a regência, isso tudo em meio ao caos do governo regencial de Feijó.

Palavras Chave: D. Januária, Aniversário, Regência.

Abstract: From 1835 when the Januaria receives the title of Imperial Highness, the celebrations of his birthday change tone turning into big parties celebrations that will mobilize the elites around this event, and all these facts collide in Januárismo that it was the movement for the princess to occupy the regency, all this amid the chaos of the regimental government of Feijó.

Keywords: D. Januaria, Birthday, Regency.

1Graduanda em História pela Unicap, e-mail para contato: rahnut@gmail.com

Nos últimos 30 anos os estudos de História da mulher tem ganhado mais notoriedade, suas trajetórias e seu papel vem sido rescrito depois de anos de negligência de uma historiografia machista que só valorizava os feitos realizados pelos homens, deixando para a mulher um papel secundário, sendo apenas filhas e mães, elas foram apagadas da escrita da história.

Quebrando esse silêncio, temos diversos autores que dão voz a essas narrativas, mostrando a trajetória de seus sujeitos no tempo correspondente, suas perspectivas, esperanças e impressões, as mulheres estão sendo descobertas, em sua totalidade, não apenas em seus “papeis correspondentes” no meio social.

Não é sempre que alguém é lembrado, a memória é seletiva, a história cultural já nos diz isso, nossa personagem é a prova disso, não podemos apenas falar da princesa imperial, a filha de reis, mas da mulher Januária Maria de Bragança, como ela foi durante algum tempo a herdeira de um trono constituído de homens ao seu entorno, porém em um mundo masculino, como o Brasil do século XIX, onde os costumes patriarcais foram herdados do período colonial.

Nesse embate sobre os silêncios da história, há alguns grupos que foram deixados de lado por décadas, Dona Januária está entre eles, não é uma discursão sobre biografias, mas sobre a voz e a perspectiva de um sujeito histórico e sua lembrança, na dicotomia bem e mal, ela sempre foi a segunda filha, a princesa que ambicionava o trono com o esposo Italiano, anos depois, aquela com quem as relações com o irmão ficaram complicadas pós 1844, mas nunca falam dela, vamos falar de Januária, vamos ter uma nova visão sobre a sua figura.

Quem é essa pessoa? Apenas mais uma princesa da casa imperial do Brasil, como as várias que vieram após ela, não, ela não é só uma princesa, que por sua condição de mulher servia como acordo diplomático em um casamento dinástico, produziria herdeiros a sua casa, cumprindo o papel que lhe foi imposto pela sociedade da época, nesse contexto e temporalidade que este trabalho analisa, ela era uma garota, mas ao mesmo tempo diferente das outras garotas pelo seu nascimento, esse trabalho se propõe analisar as notícias em torno de suas festas de aniversário, ocorridas entre 1835, antes da lei que lhe confere o título de Princesa Imperial do

Brasil, em 1836 pós lei do ano anterior e fervor do movimento pela regência de Dona Januária, em 1837 ano do regresso conservador com o governo do regente Pedro de Araújo Lima, terminando em 1838 no governo do mesmo.

A nossa personagem nasce em um contexto conturbado, o momento anterior a Independência do Brasil, quando ainda estava na barriga de sua mãe, a mesma foi obrigada a fugir com seus filhos pequenos para a Fazenda Santa Cruz, por conta do levante das tropas Portuguesas pós dia do fico, depois que a Princesa Dona Leopoldina e o príncipe regente D. Pedro voltaram a cidade do Rio de Janeiro, no mês seguinte falece o seu irmão, o príncipe Dom João Carlos, provocando muita dor em seus pais, como a carta para José Bonifácio do dia 03 de fevereiro de 1822[2], onde o príncipe dizia a ele:

> "José Bonifácio,
>
> Chorando escrevo esta a dizer-lhe que venham amanhã aqui, no despacho, ás horas do costume, porque eu lá não posso ir, visto o meu querido filho [estar] exalando seu último suspiro, e assim não durará uma hora. Nunca tive, e Deus permita que não tenha outra, ocasião igual a esta como foi o dar-lhe o último beijo e deitar-lhe a derradeira benção paterna. Calcule, pelo amor que tem a sua família e ao meu filho, qual será a dor que transpassa o coração.
>
> Deste seu amo e amigo.
>
> *Pedro*
>
> São Cristóvão,
>
> 3 de fevereiro de 1822, ás 8 horas e um quarto da noite".

[2] Carta Citada em (Rezzutti 2015).

Diante de uma imensa dor a Princesa Dona Leopoldina escreve a carta de 12 de fevereiro de 1822, contando a seu pai sobre o ocorrido, como o trecho citado abaixo[3]:

> " ... Deus seja lovado---- desabafa a princesa,--- estou de boa saúde e animosa contra as todas as adversidades; entretanto devo confessar, Deus o sabe, o quanto sofro moralmente desde algum tempo.
>
> Para falar francamente, os negócios políticos, por qualquer face que sejam considerados, são extremamente críticos e mal sucedidos e receio possa acontecer que o fim seja muito feio. O que mais me aflige são os meus pobres filhos, que vão crescendo tão robustos e não merecem tantos males. Tenho pena do meu marido, mas a dizer a verdade foi ele que os procurou...
>
> ... Seria impossível deixar passar o dia de hoje, tão alegre e caro para todos nós, sem vos apresentar, caro pai, os mais sinceros votos de felicidade. Se o Altíssimo me ouvir, gozarei da maior alegria e boa saúde, e para mim peço que me conserve o vosso amor paternal e graça, para o que tendem do coração todos os meus esforços. Soube pela condessa Lazansky, com o mais profundo prazer, que todos vós gozais boa saúde e tranquilidade, e isso é um verdadeiro consolo para mim, na situação penosa em que me acho, pois desagraçadamente visto estarmos cercados do espirito revolucionário, podem os diplomatas dar o nome que quiserem, trata-se de guerra civil por todos os lados, que aqui se subjugou por algum tempo, eu, porém, como europeia, representando potência militar, sou tida como suspeita, porque existe uma demasiada rivalidade e ódio entre ambos os partidos, não sem motivos que procuram a primazia.
>
> Morreu-me o meu filho de uma espécie de mal curada inflamação do fígado em convulsões durante 28 horas. Tudo isto motivado por nossa forçada fulga para Santa Cruz, distante 12 milhas. A pobre criança sofreu horrivelmente de uma calor de 96 º graus, de modo que se pode atribuir a isto a sua prematura morte. Não lhe posso esconder a minha dor, somente a religião, afirme confiança no altíssimo que tudo faz para o bem dos homens, me dão

[3] Trecho da Carta Citado em (Norton, 1979).

> alguma resignação e sossego, mas é preciso tempo. Como vai acabar isto, só Deus o sabe, nós ficamos aqui, não há mais dúvida alguma, e parece-me que para sempre...”

Nesse contexto de muita tristeza e caos político, que em 11 de março de 1822, nasce Dona Januária de uma forma bem distinta de seus irmãos, ela nasce com a sua mãe agarrada ao pescoço do pai e é um parto feito por ele, porque o médico não chegou a tempo, alguns dias depois Dom Pedro Informou a Dom João VI o nascimento de uma nova infanta portuguesa, ela nasce ligada a família real de Portugal, as crianças mais novas que já nascem inseridas na casa Imperial do Brasil, mas ela já nasce imersa nesse contexto político pré Independência, seu nome foi uma homenagem a cidade do Rio de Janeiro, como aconteceria com as princesas D. Paula Mariana e D. Francisca.

1822 é um ano que vai ficar pra sempre marcado na História, pois após o nascimento da pequena princesa, em março D. Pedro viaja para minas para buscar apaziguar a província, regressando em maio de 1822, em agosto do mesmo ano, ele parte outra vez, só que agora para São Paulo, onde realiza uma visita muito parecida com a de Minas, mas um fato muda tudo que é o recebimento das cartas de José Bonifácio e de D. Leopoldina contando sobre as novas ordens das cortes e a deliberações do conselho de estado ocorrido em 02 de setembro 1822, no dia 07 de setembro ocorre o famoso grito do Ipiranga, onde o Brasil se separa de Portugal, em 12 de outubro desse mesmo ano ocorre a aclamação de D. Pedro como imperador e sua sagração no dia 01 de dezembro de 1822.

De sua terna infância só temos os relatos nas cartas de D. Leopoldina e algumas documentações presentes no acervo do Museu Imperial de Petrópolis, se D. Januária deixou um livro de memórias como era comum no fim do século XIX, ele não está no Brasil, mas para uma criança de 4 anos que não sabia escrever fica bastante difícil expressar algum pensamento por meio de fontes escritas sobre a morte de sua mãe em 11 de dezembro 1826, mas esses eventos que ocorriam dentro e fora do paço geravam bastante impactos sobre a vida dessas crianças, como veremos mais tarde com o governo regencial.

Em 16 de outubro de 1829 D. Januária com 7 anos, recebe a madrasta D. Amélia de Leuchtenberg, sabe-se por toda uma historiografia que discute sobre esse acontecimento que a segunda imperatriz do Brasil, foi uma figura muito presente na vida de seus enteados e para os mais jovens a única figura materna que conheceram.

Pelo contexto gerado a partir das medidas absolutistas de D. Pedro I, do sentimento de antilusitanismo do período depois da independência, a constituição outorgada de 1824 e algumas outras coisas, contribuíram bastante para arranhar a imagem do imperador e ainda temos a questão dinástica portuguesa que contribuiu bastante para o 07 de abril 1831, aqui temos uma menina na puberdade com 9 anos, que fica com os irmãos menores e nos anos seguintes, cresce no paço com eles, em 1834, D. Januária fica órfã de pai aos 12 anos, só via o seu irmão mais novo, apenas uma vez por dia.

Até 1835 Dona Maria da Glória, numa situação análoga ao pai tinha as duas coroas, porque depois do nascimento do futuro D. Pedro II, o título de princesa imperial era da mesma, com o a regência liberal de Feijó é concretizada essa separação das casas reais que ficarão separadas, Recife nesse momento era muito parecida, com as descrições dos viajantes que estiveram aqui nesse período, como Vauthier, que descreve a cidade e seus espaços de sociabilidade e suas elites, que serão o público alvo dessas festas de aniversário durante o período de tempo mencionado á cima.

Em 1835, o aniversário da então princesa real do Brasil foi celebrado em Recife muito discretamente em comparação ao de 1836, como mostra esse anuncio de 1835[4]:

> "Hoje quarta feira 11 de março. Em Anniversario aos faustíssimos anos da Augusta Princesa Brazileira a senhora D. Januária, se representará um drama alegórico á mesma Augusta Senhora; cantando-se o hyno patriotico perante o Emblema da liberdade do Brazil; logo depois se representará a peça --- Santa

4 Diário de Pernambuco: Ano 10 ED N° 57, 11/03 de 1835.

> Isabel rainha de Portugal; principará á chegada de ss. Excs. Que será anunciada por uma girandola de fogos do ar".

Nota-se no documento acima, a peça que foi representada no evento, Santa Isabel rainha de Portugal, mas longe do ideal de monarquia piedosa, mas uma construção deum papel feminino nesse sentido, que ela deveria ser: boa, piedosa, tal qual a santa, percebe-se então essa construção de sociedade em torno das senhoras e seu lugar de fala, pois deveriam atender a esses anseios, lembrando que a bisavô de D. Januária, D. Maria I antes de ter a alcunha de "a louca", era conhecida como " a viradeira", a avó de nossa princesa era D. Carlota Joaquina que de forma alguma se encaixava nesse estereótipo, D. Leopoldina também teve seu momento de quebrar paradigmas, com sua imensa contribuição no processo de independência, então essa normatização era necessária em torno dessas mulheres, para que elas se encaixassem nesse padrão, tudo com muito respaldo dessas elites patriarcais.

O projeto de lei apresentado em 15 de junho 1835, separa as coroas de uma vez por todas, como mencionado acima, a lei com base e uma outra lei de 1826, retira o título de Princesa Imperial do Brasil de Dona Maria da Glória, então Maria II de Portugal nessa época e passa esse título a Dona Januária, nesse ano há a regência liberal de Feijó, essa experiência republicana será conturbada, pois no ano anterior 1834, é aprovado pela mesma câmara o ato adicional que descentraliza o poder e dá autonomia as províncias, ocorrendo assim em 1835 as revoltas regenciais, Balaiada, Cabanagem, Farroupilha, a Sabinada (1837) ocorreu também por conta do ato adicional, ou seja era um tempo em que as disputas de poder permeavam o cenário político, com isso as crianças não sabiam o que as rodeava, pois estavam isoladas no ambiente austero do paço, mas as pessoas que as rodeavam sabiam muito bem manipular as rédeas do poder.

As pessoas de Pernambuco ficaram tomando conhecimento do projeto de lei em 18 de setembro de1835, com um pequeno artigo que fala sobre a naturalização de D. Maria II como Portuguesa e a perca de seu direito dinástico na Casa Imperial

do Brasil, depois como vemos abaixo seguem a lei que dá o título a D. Januária com então 13 anos[5]:

> "<<A commissão de constituição em obediencia aos [Incisos] terceiro e quinto do artigo 15 da constituição, que conferem á Assembleia Geral as atribuições de reconhecer o Príncipe Imperial como Sucessor do trono, e de resolver as duvidas que ocorrem sobre a sucessão da Corôa, observa, que pela elevação do snr Pedro II ao trono do Brazil, o titulo de Príncipe Imperial caberia a D. Maria da Glória, se ella não aceitasse a Coaôa de Portugal.
>
> << Como porém pelos princípios de Direito Publico Universal, o rei he ser cidadão da Nação que ele governa, e com cujos interesses elle tem o dever de identificar-se; e por outra parte pelos princípios de direito das gentes, ninguém póde ser ao mesmo tempo Cidadão de duas Nações; he manifesto que a senhora D. Maria II tendo aceitado o Trono Portuguez por facto seu próprio exercitado, livremente e depois de sua maioridade, naturalisou-se Portugueza, e conseguimente perdeu os direitos de Cidadão Brazileiro na forma do Artigo 7 [Inciso] primeiro da Constituição, pelo qual he ella declarada estrangeiria, e como tal excluída da sucessão da Corôa do Brazil, em observância do Artigo 119 da Constutuição.
>
> << Da sobredita exclusão resulta immediatamente, e pela ordem regular de sucessão ao Trono estabelecida no artigo 117 da Constituição, que a Senhora D. Januária he a herdeira presumptiva do Império, a quem o artigo 105 da Constituição confere o Titulo de Príncipe Imperial. E porque o artigo 15 [Inciso] 3 da Constituição, e a Lei de 26 de agosto de 1826, exigem da Assembleia hum acto especial de reconhecimento do Príncipe Imperial; a Commição tem a honra de submeter á deliberação desta Augusta Camara o seguinte Projeto de Lei:
>
> << A Assembleia Geral Legislativa Decreta:

5 Diário de Pernambuco: Ano 10 ED N° 176, 18/09 de 1835.

> << Art. 1º . A Senhora Dona Maria II Rainha de Portugal tem perdido o direto á sucessão a Corôa do Brazil pelo facto de entrar em posse do Trono Portuguez .
>
> << Art. 2º. A Senhora Dona Januária, Filha Legitima do Senhor D. Pedro I, será reconhecida Princeza Imperial na forma do artigo 15 [Inciso] 3º. da Constituição e da Lei de 26 de agosto de 1826, como Sucessora do Trono do Brazil Depois de S.M. o Imperador o Senhor D. Pedro II, e de sua legitima descendencia.
>
> << Paço da Camara dos Deputados, 15 de junho de 1835. --- *Luiz Cavalcanti. H. H. Carneiro Leão. --- C. J. de Araujo Vianna>>.".*

Nota-se o seguinte termo no documento á cima "Filha Legitima do Senhor D. Pedro I" é mais do que só um reconhecimento de paternidade e legitimidade, lembrando que um homem com uma descendência ilegítima com o nosso primeiro imperador, merece um grifo especial a esse termo, perceba que são duas mulheres o objetos central desse documento, sendo D. Maria II uma das únicas monarcas femininas do século XIX, a lei é aprovada em 29 de outubro na e no senado e chega aos Pernambucanos apenas em 03 de fevereiro de 1836, nesse momento um novo movimento ganha corpo: O Januárismo, favorável a regência da princesa, com então 13 anos de idade, mas olhando para dentro do movimento, nós temos elites e pessoas de todas as camadas populares que estavam insatisfeitas com o governo Feijó.

Um jornal vai surgir no cenário de Pernambuco, A Gazeta universal de 1836 e 1837 é um jornal que dava apoio a causa da regência de D. Januária, mas uma verdadeira incógnita nos arquivos, pois ninguém falou sobre ele, ninguém trabalha sobre ele, esse arquivo estava simplesmente perdido na Hemeroteca Nacional e antes disso no APEJE.

Em 1836 o Aniversário de Dona Januária torna-se uma grande festa cívica, com todo o suporte do movimento, na Gazeta Universal, são publicados diversos artigos sobre o aniversário da princesa, sempre sendo solícitos a sua causa, conversadores em sua maioria alijados do poder e que queriam voltar ao mesmo, enquanto isso no

Diário de Pernambuco, publicavam-se textos de junção dos partidários da coroa na figura de D. Pedro II com 10 anos nesse momento.

Em 9 de março de 1836, a Gazeta Universal publicava que haveria festa na cidade para comemorar o aniversário da Princesa, um cortejo até o palácio para assistir a celebração, em 10 de março se anuncia uma festa de grande gala no teatro, com um espetáculo pomposo, com direito ao busto de D. Januária, com hino nacional e uma peça francesa sobre uma princesa medieval Leonor de Luzianan, outra obra de uma princesa boa, atende as características de normatização social da mulher mencionadas acima.

No dia 11 de março publica-se um texto de conclamação dos partidários em torno desse dia e contra o governo Feijó, chamado pelo autor do texto "Ditadura", colocando a Princesa como uma alternativa salvadora nesse contexto, para os partidários dessa causa um verdadeiro discurso, mas temos de pensar o que as crianças imperiais estavam fazendo nesse momento? Ou se sabiam de dessa comoção em volta delas? É uma pergunta que só a continuidade dessa pesquisa trará, nesse mesmo dia, há duas portarias que falam sobre uma salva de canhões da fortaleza da cidade e outra chamando as senhoras de Olinda para assistir o cortejo que ocorreria pela manhã.

Quase dois meses após o 11 de março, o jornal publica no dia 29 de abril de 1836, uma serie de hinos patrióticos, compostos em honra da princesa[6]:

[7]" Que sua Alteza Imperial a Princeza Brazileira Senhora Dona Januária.

O.D.C.

As suas reverentes patrícias

6 A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 64, 29/04 de 1836.

7 Esses são apenas trechos o documento completo se encontra em: A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 64, 29/04 de 1836.

Salve, ó dia onze de março!
Nossa sorte é já propicia!
Lustros tres menos um anno
Completa a nossa Patricia!!

Senhora, escuta
As Brazileiras
Que prazenteiras
Rendem te amor.

Forão Pedro e Leopoldina
Os que, no apuro de Amor,
Do ceo cumprindo a missão,
Gerárão tão linda flor.

Se Ella â deo a um passarinho,
Por saber que a apreciava,
Dos inimigos do Regresso
Liberta a Nação escrava.

Lá nas Elisias Campinas
Seus Altos progenitores
Pedem ao Deos do Brazil
para Ella os seus favores.

A Corôa e Seetro Augusto

Assim não se hão- de quebrar:

Tendo o Brazil JANUÁRIA,

A facção há-de expirar.

Senhora, escuta &c

Deixai, queridas Patricias,

Hoje a domesticalida:

Hynnos entoai no dia

Que triste Brasil traz vida.

Senhora, escuta &c".

Nesse poema podemos claramente ver que a base do movimento era conservadora, e que se mencionam mulheres que não tinham direito ao voto, mas eram engajadas politicamente quando necessário, o casal imperial na memória coletiva, mobilizados para atender a demanda política em torno da princesa, vemos que a corte também vai ser um dos focos do movimentos, se chegaram a princesa, os jornais de Pernambuco não sabem, a palavra Regresso aparece grifada, ou seja os conversadores já o desejavam, desde longa data.

Já o jornal totalmente ligado ao governo Diário de Pernambuco, publica no dia 07 de março, portanto dias antes da Gazeta universal, falando sobre o cortejo que ocorreria no dia 11, pela notícia pode entender que haveria uma parada militar durante a celebração, dia 10 de março comunicam sobre a festa no teatro, no dia do Aniversário da princesa, o jornal publica um texto chamando a comemoração, mas com uma ressalva de união entre todas as facções políticas, típica ideia de uma elite

patriarcal que se sentiu ameaçada pela figura de uma mulher no comando do Império, o Januárismo declina após 1837, pois nesse ano é eleito um regente conservador Pedro de Araujo Lima, o regresso é concretizado e os Liberais deixam a cena política.

Tendo acalcado os objetivos, a figura de Dona Januária já não serve mais aos propósitos conservadores, o jornal pró Januária é encerrado em 1837, e em Pernambuco cessam as menções a regência dela, o Diário de Pernambuco publica apenas uma pequena nota de 6 linhas, sobre a comemoração no teatro, em 10 de março de 1837, sem menção as atrações[8]:

> "Sabbado 11 do corrente se festeja com toda a pompa o Anniversario de S. A.I. a Senhora Dona Januária Herdeira pressumptiva do trono do Brazil: os camarotes e bilhetes se estão vendendo na Rua da Florentina D S.".

Nessa comemoração discreta que não se sabe maiores detalhes, vemos como as crianças imperiais estavam à mercê dessa elite que as usavam como fantoches, alguns anos mais tarde temos a maioridade do menino Imperador, nesse cenário as revoltas acabam restando somente a Farroupilha e Sabinada que eclode nesse ano, mas os conservadores conseguem acabar com as revoltas e promover o clima de "segurança", já a princesa com seus 15 anos, coube aguardar um casamento dinástico e cumprir seu papel de mulher que a sociedade esperava para ela.

Em 1838 publica-se no diário uma nota do presidente da Província pedindo uma salva de canhões no aniversário de Dona Januária[9]:

> "Dito- ao capitão comandante da fortalesas do Brum, authorissando- o para dar no dia 11 deste mez Anniversario natalício de

8 Diário de Pernambuco: Ano 12 ED N° 56, 10/03 de 1837.

9Diário de Pernambuco: Ano 13 ED N°58 , 13/03 de 1838.

> S. A. A Senhora Dona Januária Princeza Imperial as trez salvas de custume.”

A princesa com 16 anos anos no momento, acabou sendo afastada das disputas de poder se é que um dia ela quis estar lá, pouco sabemos como ela ficou até a maioridade do irmão.

Em 23 de julho de 1840 através de um golpe D. Pedro II, não sabemos como ela reagiu a isso, depois tem-se a busca de noivos e o casamento, Dona Januária teve um início de casamento ainda muito difícil, pois a mesma manipulação que ocorria no paço de São Cristovão e suas intrigas, fazem ela e o esposo deixarem o Brasil.

O que fica do Januárismo é que a mobilização política no Império que subvertia ideias que foram postas por um patriarcado sumiam no ar, as mesmas voltaram em 1844 para assombrar a princesa, poucas vezes na História do Brasil, mulheres estiveram em posição de comando, mas ninguém se lembra de Dona Januária, enterrada nas areias do tempo, sua História deve ser recontada, ela não é apenas alguém que simplesmente foi embora, mas alguém que foi prejudicada pelos jogos de poder de uma elite, uma flor que desabrochou na corte de Nápoles.

Referencias:

Bibliografias:

BARMAN, Roderick: *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*, São Paulo, Editora Unesp, 2002.

CARVALHO, José Murilo de: *A Construção Nacional: 1830-1889.* São Paulo, Objetiva, 2012.

_____, José Murilo de: *Dom Pedro II.* São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

JUNIOR, Manuel Nunes Cavalcanti: “*O EGOÍSMO, A DEGRADANTE VINGANÇA E O ESPÍRITO DE PARTIDO”: A HISTÓRIA DO PREDOMÍNIO LIBERAL AO MOVIMENTO REGRESSISTA (PERNAMBUCO, 1834-1837)*, UFPE, Recife, 2015.

NASCIMENTO, Luiz do: *História da Imprensa de Pernambuco (1821/1954) Vol I Diário de Pernambuco*, 2ª ED, Recife, Imprensa Universitária Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

NORTON, Luís: *A Corte de Portugal no Brasil,* Brasília, Editora Nacional, 1979.

OLIVEIRA, Gabriel Alíbio de Lima: *Cronistas e Atlantes: Justiniano José da Rocha, Firmino Rodrigues Silva e o Regresso Conservador (1836-1839)*, UFSJ, São João del-Rei, 2013.

PERROT, Michele: *Minha História da mulher,* São Paulo, Contexto, 2016.

REZZUTTI, Paulo: *D. Pedro: A História Não Contada*, São Paulo, Leya, 2015.

_____, Paulo: *D. Leopoldiana: A História Não Contada*, São Paulo, Leya, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz: *As Barbas do Imperador*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

VAUTHIER, Louis Léger: *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier (1840-1846)*, MEC, Rio de Janeiro, 1940.

Periódicos e Jornais:

BN Digital:

Diário de Pernambuco: Ano 10 ED N° 57, 11/03 de 1835.

Diário de Pernambuco: Ano 10 ED N° 176, 18/09 de 1835.

Diário de Pernambuco: Ano 11 ED N° 26, 03/02 de 1836.

Diário de Pernambuco: Ano 11 ED N° 53, 07/03 de 1836.

Diário de Pernambuco: Ano 11 ED N° 57, 11/03 de 1836.

Diário de Pernambuco: Ano 12 ED N° 56, 10/03 de 1837.

Diário de Pernambuco: Ano 13 ED N°58 , 13/03 de 1838.

A Gazeta Universal:

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 30, 09/03 de 1836.

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 31, 10/03 de 1836.

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 32, 11/03 de 1836.

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 64, 29/04 de 1836.